

# EDITORIAL

Ao se considerar o conceito amplo ou antropológico de cultura, há que se entendê-la como o modo como indivíduos ou comunidades respondem às suas próprias necessidades e desejos simbólicos. Ou seja, o ser humano, a partir da sua capacidade de pensar a realidade e de criar significados para a natureza, “constrói” a cultura. E, dentro desse contexto, arte e ciência se apresentam como estéticas humanas distintas, cada qual trazendo em si elementos que podem colaborar com a expansão do entendimento do humano em relação ao mundo.

Aí se encontra o artista que, ao reconhecer seu estado neste mundo, deseja propor/desenhar outros mundos. E, também, o pesquisador, que conjuga em si o dever de explicar, reproduzir e recriar mundos. Assim, ambos atualizam os signos e produzem conhecimentos novos através da aliança dinâmica entre o passado e o futuro, o que se dá mediante não só a realização, mas também a necessária divulgação de suas realizações.

Por sua vez, a arte pode, naturalmente, ir ao encontro da ciência. Se de um lado tem-se a arte como elemento estético de produção e fruição, por outro ela é tida como objeto da ciência. Sob essa perspectiva, a *Modus* busca se estabelecer como elo entre a arte e a ciência, dando aos seus autores a possibilidade da difusão de suas realizações e, assim, contribuir com a construção da cultura.

Nesse sentido, neste volume tem-se Filipe Ferrer de Figueiredo e Costa e Sérgio Antônio Canedo, que apresentam e avaliam a relevância do produtor musical e arranjador George Martin na obra dos Beatles. Para isso, os autores retratam a interação entre o pensamento criativo da banda e do produtor a partir de registros dessa parceria e ratificam o resultado do diálogo entre ambos, com a análise da canção *I'm the walrus*, obra exemplar que evidencia a profícua parceria. Flávio Régis Cunha apresenta alguns aspectos da trajetória musical do arranjador e compositor Claus Ogerman, ao mesmo tempo em que discute a interação dos setores populares com os setores hegemônicos da música, o intercâmbio entre os setores locais e transnacionais, as fusões e hibridações culturais e musicais e sua apropriação pela indústria cultural no contexto da música popular norte-americana e da música popular brasileira, durante as décadas de 1960 a 1980. Wagnô Macedo Gomes discute aspectos interpretativos da performance do choro *Chorando baixinho*, na interpretação do clarinetista compositor Abel Ferreira, a partir da análise da partitura

e de uma gravação dessa obra. Alice Belém propõe uma investigação analítica de trechos da obra *1ª série de 4 peças para piano*, de Cláudio Santoro. Para tal, a autora se apoia nas ideias de Wallace Berry, Dider Guigue e Marcello Ferreira. Henrique Rievers procura delinear características de um nacionalismo musical segundo proposto por Vasco Mariz, enquadrando aí o compositor Carlos Alberto Pinto Fonseca para, em seguida, com base nessas premissas, apresentar uma edição crítica do *Estudo seresteiro*, desse compositor. Finalmente, Charles Augusto Braga, a partir da descrição do processo de preparo dos equipamentos técnicos necessários para a realização da performance da obra *Sequitur XI*, discute sobre os aspectos envolvidos na preparação para a execução de uma obra eletroacústica mista, que vão além dos conhecimentos específicos para a performance instrumental convencional.

Como sempre, não podemos deixar de agradecer a todos que, a seu modo, trazem sua contribuição para a consolidação desta revista.

**José Antônio Baêta Zille**  
Editor